ano 4 • número três • 2012

palavra

SESC LITERATURA EM REVISTA

SESC



DOSSIÊ BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS Expoente da literatura infantojuvenil • **ANALÓGICO E DIGITAL** O livro muda com a sociedade • **ESPAÇO LITERÁRIO** Poesias, contos e crônicas • **PRÊMIO SESC DE LITERATURA 2011/2012** Obras vencedoras

SUMÁRIO

três Primeiras Palavras

quatro Dicas

seis Eu recomendo

oito Analógico e digital

catorze Dossiê Bartolomeu Campos de Queirós

trinta e seis Artigos

cinquenta e sete Depoimentos

sessenta e dois Resenhas

sessenta e seis Espaço Literário

setenta e quatro Blog

setenta e cinco Agenda

SESC | Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional
Antonio Oliveira Santos

Departamento Nacional

Direção-Geral
Maron Emile Abi-Abib

Divisão Administrativa e Financeira
João Carlos Gomes Roldão

Divisão de Planejamento e Desenvolvimento
Álvaro de Melo Salmito

Divisão de Programas Sociais
Nivaldo da Costa Pereira

Consultoria da Direção-Geral
Juvenal Ferreira Fortes Filho

PUBLICAÇÃO

Projeto editorial
Gerência de Cultura
Márcia Costa Rodrigues

Coordenação de conteúdo
Flávia Tebaldi
Rodrigo Cazes

Assessoria de Divulgação e Promoção/DG
Gerência
Christiane Caetano

Supervisão editorial
Jane Muniz

Edição
Conceito Comunicação Integrada

Reportagem
André Câmara
Renata Magdaleno

Projeto gráfico e edição de arte
Ruth Lima e Luis Monteiro

Produção gráfica
Celso Clapp

Revisão
Clarisse Cintra

Ilustrações
Lorena Kaz
Marcelo Martinez

Foto capa
Matheus Dias

Estagiário de produção editorial
Adonis Nóbrega

©SESC Departamento Nacional

Av. Ayrton Senna, 5.555 – Jacarepaguá –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22775-004
Telefone: (21) 2136-5555
www.sesc.com.br

Impresso em julho de 2012
Tiragem: 10.000 exemplares
ISSN: 2178-1443
Distribuição gratuita

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia por escrito do SESC Departamento Nacional, sejam quais forem os meios e mídias empregados: eletrônicos, impressos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Para sugestão ou recebimento de exemplares, entre em contato conosco pelo seguinte endereço eletrônico: adpsecretaria@sesc.com.br

Escreva-nos, sua opinião é muito importante para o aprimoramento da revista!

PLENA

Francisco Gregório Filho

Fui feito para pensar além do devido.
Bartolomeu Campos Queirós

Inteireza. Completude. Totalidade. Uma amiga tem me ensinado a descobrir sentidos para a palavra plenitude, disse-me Bartolomeu, dando início à arrumação do prato com a comida que lhe era servida. Tínhamos combinado de almoçar juntos naquele dia de dezembro de 2011, no Centro da cidade.

Trabalho no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, da Fundação Biblioteca Nacional, que funciona no 11º andar do Palácio Gustavo Capanema, antigo Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, prédio que é marco da arquitetura moderna no Brasil.

Desci para encontrar Bartolomeu no hall, ao pé da escada que ele acabara de descer após visitar a mostra "Rio São Francisco: um rio brasileiro", de Ronaldo Fraga, exibida no Salão Portinari. Percebi meu amigo com a respiração ofegante, mas animado para o almoço. Após alguns comentários sobre a exposição que visivelmente o impressionou, ele disfarçou a emoção e sugeriu: "ando com vontade de comer ovo frito. Estou proibido de tal desejo, mas vamos cometer uma insubordinação e comer ovo frito!".

Fomos então até a esquina das ruas Graça Aranha com a Araújo Porto Alegre, no restaurante Itahy. No cardápio, a lista de pratos do dia incluía churrasco, com arroz, feijão, batata frita e ovo de acompanhamentos. Pedimos o churrasquinho completo, ainda que sem a carne! Pouco depois chegaram os pratos tal como solicitados: arroz, batata frita, uma folha de alface com uma rodela de tomate, o ovo frito por cima do arroz e, acompanhando, uma tigelinha de feijão quentinho. Bartolomeu ainda deu uma arrumadinha no prato, afastando a alface e o tomate, ajeitou o feijão e furou a gema do ovo com a ponta da faca.

Um inevitável comentário meu sobre a rodela de tomate fez com que Bartolomeu respirasse mais prolongadamente e expressasse certa satisfação com relação à repercussão que seu livro *Vermelho amargo* vinha merecendo dos leitores e da mídia. "Os editores de literatura infantojuvenil", disse ele, "pediram para eu esmiuçar as histórias para leitura das crianças e dos jovens. Aí então resolvi esmiuçar o *Vermelho amargo* para a leitura dos adultos!"

Em outra mesa sentaram-se uma moça e dois rapazes. Assim que reconheceu que ali estava Bartolomeu, a moça fez um comentário com seus amigos e se levantou para cumprimentar o autor:

"Parabéns, sou sua leitora. Estou arrebatada com seu último livro", referindo-se àquele de que acabávamos de falar. "Já li e reli algumas vezes e agora emprestei para um amigo. Tenho uma madrasta como aquela. Coitada, está viúva, meu pai morreu há pouco mais de um mês."

Bartolomeu agradeceu o movimento da moça e acenou para os rapazes, que o olhavam lá da mesa. Com o retorno da moça ao seu lugar e depois de algum silêncio, perguntei:
– Bartô, você gosta disso?
– Gosto, mas sempre me surpreendo.

Nesse momento, o garçom se aproximou e indagou se queríamos algo mais, ou uma sobremesa como pudim de leite. Bartolomeu rapidamente respondeu: "estou pleno!" Pagamos nosso almoço e fomos tomar um café em um bistrô que funciona no Centro Cultural da Justiça Federal, ali perto, na Avenida Rio Branco.

Inspirado como nunca, Bartolomeu contou muitas piadas, fazendo até a barista sorrir por detrás do balcão, mas saímos apressados porque ele precisava fumar um cigarro. Na rua, fumando devagar, falou-me dos dois livros que estava escrevendo por conta de promessas a amigas editoras. No entanto, não me disse o nome da amiga que estava a lhe ensinar a pronunciar a palavra "plena". Despediu-se de mim com um forte abraço e um até breve, deixando-me com um sentimento de que ele realmente experienciava essa plenitude, que vivia um momento de grande satisfação na vida.

Conheci Bartolomeu em um jantar na casa de amigos, lá pelos idos da primeira metade da década de 1980. Já tinha lido, com o encantamento de um leitor pego de surpresa, seu livro *O peixe e o pássaro*. Lembro-me que perto daquela ocasião tinha recebido a confirmação de ser portador da doença de Crohn, cujas crises muitas vezes estão associadas a fatores emocionais. Ao comentar sobre isso durante o encontro, Bartolomeu me aconselhou a passar uma temporada em um sítio e observar a indiferença das galinhas, comportamento que, segundo ele, instigava-o muito e do qual era um apreciador. Tempos depois, atendi a sua recomendação e fui passar uns dias em um sítio onde se criavam galinhas.

Aquela noite em Botafogo me fez conhecer uma pessoa sedutora e extremamente encantadora. Isso depois de me sentir completamente surpreso com seus comentários cortantes e suas impressões sobre a educação e as políticas públicas do Brasil. Saí desse encontro zonzo e muito mexido com a intensa noitada de aprendizado sobre leitura e poesia.

Ao deixar a casa de meus amigos, atravessei o portão do prédio em estado de graça. Perambulei meio sem rumo pelas ruas do bairro e, quando percebi, estava a olhar o espelho d'água da Baía de Guanabara. Ali, na ponta da Enseada de Botafogo, lugar eleito por mim como o mais bonito do Rio de Janeiro, lembro

Inspirado como nunca, Bartolomeu contou muitas piadas, fazendo até a barista sorrir por detrás do balcão, mas saímos apressados porque ele precisava fumar um cigarro.

que me veio à memória um trecho do livro pelo qual tive meu primeiro contato com Bartolomeu: "O Fim – Escurece no céu e o escuro se reflete nas águas. Não vejo mais o peixe nem o pássaro. Volto no dia seguinte aos meus compromissos e penso: peixe e pássaro vivem pouco mas vivem muito num dia só" (QUEIRÓS, 1974).

Peço licença aos amigos leitores para sublinhar aqui parte do texto da querida e saudosa professora Henriqueta Lisboa, amiga de Bartolomeu, que está na quarta capa do livro *O peixe e o pássaro*:

> Não é ele somente um educador que sabe distinguir, através de estudos filosóficos, pesquisas estéticas e experiência pessoal no

seu campo de atividade, o valor da arte no processo educativo. Ele é também um poeta – aquele que mergulha nas águas profundas da preexistência e da inocência, o que aporta à ilha onde todas as cousas se tornam maravilhosamente possíveis; o que acabou descobrindo o segredo da simplicidade.

Muitas vezes repeti a Bartolomeu que gostaria de ter escrito essas palavras sobre ele, ao que ele respondia, rindo: consegue não!

Nos idos de 1990 fui convidado a integrar a equipe que viria a organizar o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), da Fundação Biblioteca Nacional. A partir daí meu convívio com Bartolomeu foi mais frequente e intenso. Viajávamos muito em grupo, percorremos mais de 600 municípios das diferentes regiões do país. A equipe do Proler, formada por especialistas com as mais diferentes formações, era toda fã ardorosa do Bartô, militante incansável no convencimento das autoridades acerca da importância da leitura, na constituição de acervos de literatura e sua dinamização junto a professores e bibliotecários.

A equipe do Proler, formada por especialistas com as mais diferentes formações, era toda fã ardorosa do Bartô, militante incansável no convencimento das autoridades acerca da importância da leitura, na constituição de acervos de literatura e sua dinamização junto a professores e bibliotecários.

Bartolomeu passou então a frequentar a Casa da Leitura, sede do Programa, de forma assídua e trazendo suas boas energias. Participou de oficinas, encontros e simpósios e contribuiu efetivamente para implantar o Proler.

Certa vez, estávamos todos hospedados em um dos melhores hotéis de Rio Branco, no Acre, e no nosso primeiro jantar fomos alertados por ele de que os pratos servidos no restaurante eram grandes demais e davam fartamente para duas pessoas. "A leitura contra o desperdício", brincava ele pelos corredores do hotel, provocando-nos à crítica saudável e estimulando em nós, nem sempre pelos caminhos mais simples, a solidariedade e o compromisso com o que acreditávamos. Assim era Bartolomeu, no seu jeito meio desconcertante, a provocar no outro aquilo que cada um tinha de especial, de mais comprometido com a vida e com o conhecimento.

Bartolomeu tinha gosto pelas caminhadas, pelas visitas vespertinas aos mercados públicos e feiras. Nos hotéis, fui acordado em muitas madrugadas por ele batendo à porta para sairmos para tomar um café, caminhar pelas feiras e observar a vida dos lugares. Aprendi com Bartô que esse era o melhor jeito de conhecer e entender as cidades e seus habitantes.

Uma vez, em Santos, aconteceu algo muito forte enquanto participávamos de um seminário. A programação incluía a visita a uma escola noturna onde Bartolomeu falaria aos jovens alunos sobre leitura e escrita. Os professores e a direção capricharam na organização, com lanche servido com café e bolo. Tudo pronto, mas uma plateia constituída de jovens moradores de uma comunidade próxima não deixou Bartolomeu falar, cantando e gritando sem parar. Insistimos, mas todas as vezes em que Bartolomeu, com sua voz mansa, tentava começar, os meninos também iniciavam seu rock, levantavam pôsteres e

gritavam palavras de ordem. Depois soubemos que aquilo era uma represália por medidas tomadas pela direção da escola.

Voltamos para o hotel sem conseguirmos realizar o trabalho, e Bartô se manteve em profundo silêncio. No dia seguinte, já falando para as autoridades municipais e professores da cidade, tive o privilégio de ouvir uma de suas mais belas e contundentes reflexões sobre leitura, escrita e cidadania. O auditório, entre perplexo e surpreso, aplaudiu sem parar a um discurso cortante e ao mesmo tempo poético sobre a responsabilidade e o compromisso daquele grupo com aqueles meninos. "Lavei a alma", disse-me ele depois.

Até 1996, quando o Proler sofreu grandes reveses, desfrutamos do privilégio de tê-lo por perto com suas observações sagazes, experiência e capacidade de trabalho na construção de um país leitor. Pelo Brasil afora tínhamos sempre a certeza do sucesso e da repercussão das palestras de Bartolomeu. Com sua fala mansa e pausada, aprofundava questões sobre a educação e a leitura, verdadeiros cursos sobre o exercício da cidadania, sublinhando de forma contundente a importância das políticas públicas que dessem relevo à leitura. Voz necessária que permanecerá sempre com os que trabalham nessa área.

Seguimos todos outros caminhos. O meu continuou de forma mais independente, realizando em outros espaços oficinas de práticas leitoras e contação de histórias. Bartolomeu continuou a ser uma referência fundamental no meu trabalho e, sempre que possível, lá estava ele, de forma presente ou por intermédio de seus textos, que, instigantes e provocativos, ajudaram-me na preparação de novos agentes de leitura. Educadores, profissionais de cultura, estudantes, no contato com sua obra, passaram a ser leitores apaixonados e comprometidos.

Gosto de ler e reler sempre a obra de Bartolomeu. Tenho um convívio quase que permanente com seus livros. Folheio suas dedicatórias que carinhosamente escreveu-me, mas, de sua obra, os livros que mais me arrebataram foram *Indez* e *Por parte de pai*. Talvez alguma relação aqui e ali com minha his-

Pelo Brasil afora tínhamos sempre a certeza do sucesso e da repercussão das palestras de Bartolomeu. Com sua fala mansa e pausada, aprofundava questões sobre a educação e a leitura, verdadeiros cursos sobre o exercício da cidadania, sublinhando de forma contundente a importância das políticas públicas que dessem relevo à leitura. Voz necessária que permanecerá sempre com os que trabalham nessa área.

tória de vida. São meus preferidos e companheiros de viagem. Sempre em minha pasta, volta e meia são sacados para compor um raciocínio ou completar um assunto em que estou trabalhando.

Há leituras assim para cada um de nós. Leituras que acordam dentro de nossos sentimentos e memórias longínquas, realizando a "conquista de um tempo que não retorna, a não ser pela magia da literatura", conforme as palavras de Yeda Bernis na quarta capa de *Por parte de pai*.

Aliás, até a sonoridade de sua voz sempre me é presente, especialmente pronunciando uma expressão que se registrou em mim profundamente: "Gregório, é longe! Looonge, muito looooonge, Gregório!".

Em dezembro, quanto almoçamos juntos, Bartolomeu falou do desejo de rever amigos dos quais sentia saudades. Perguntou de Dolores [a educadora Maria Dolores Coni Campos] e ainda me confidenciou: "Gregório, estou com uma saudade imensa da Ebe, querida professora de Goiás Velho [em Goiás], lembra dela? Uma moça bonita, mãe de uma penca de meninos? E o Sílvio [Carvalho, professor e músico baiano], por onde anda? Sinto saudade de suas cantorias." Queria também rever Marilu [Maria Luiza de Almeida, especialista em leitura] e tantos outros amigos que ficamos por um bom tempo lembrando. "Gregório, temos que reunir as pessoas queridas! Não podemos nos dispersar. Precisamos todos dessa energia e dessa força em torno da literatura. Vamos pensar em um encontro afetivo lá em Minas. Vamos convidar todo mundo!"

Nas duas últimas vezes em que encontrei Bartolomeu, demonstrou desejo também de encontrar seus livros entre os acervos das bibliotecas públicas. "Gregório, você acha que, se um leitor pedir para ler um de meus livros na Biblioteca Nacional, terá alguma chance?"

Nas duas últimas vezes em que encontrei Bartolomeu, demonstrou desejo também de encontrar seus livros entre os acervos das bibliotecas públicas. "Gregório, você acha que, se um leitor pedir para ler um de meus livros na Biblioteca Nacional, terá alguma chance?" Fico me perguntando até agora por que tais questões passavam pela cabeça de Bartô...

Muitas histórias e muitos causos para contar sobre meus encontros fraternos com esse escritor que passei a conhecer como amigo, a reverenciar como escritor e poeta e que marcou muito minhas histórias pessoal e profissional.

Em um trecho de seu livro *Indez* ele previa as palavras que por ora tomo como minhas: "Não há como esquecê-lo. Mesmo se tento prestar atenção ao meu trabalho, se escrevo com caneta vermelha ou azul, se passa uma formiga ou a sombra de um voo de pássaro, se olho as nuvens ou relâmpagos, se entro em capelas ou se passeio em parques..."

Com essa saudade recente, por vezes falo como se ainda pudesse encontrá-lo num próximo seminário, numa oficina, ou mesmo num almoço de última hora.

Francisco Gregório Filho nasceu em Rio Branco, no Acre, e formou-se em artes cênicas. Geriu projetos culturais e foi um dos organizadores do Proler. Tem vários livros publicados, desenvolve oficinas de formação de contadores de histórias e atua no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.



Foto: arquivo pessoal.